



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

A UFRGS E SEUS ESPAÇOS DE SIGNIFICAÇÃO: IMAGENS (IN)VISÍVEIS DOS EXCLUÍDOS

Suzete Morém de Fraga, Margarete Panerai Araujo (orientadora),
Universidade La Salle

Resumo

O presente artigo visa evidenciar alguns elementos observados sobre os lugares de significação da UFRGS, em suas paisagens, em seus espaços, em suas avenidas e esquinas, em seus muros, ou seja, no Campus Central e em seu entorno, nos registros das imagens (in)visíveis dos excluídos manifestadas no cotidiano, numa representação social, política e filosófica da sociedade. Metodologicamente foi feita observações e fotos/imagens sobre elas. A paisagem observada é um espaço democrático de significação na cidade de Porto Alegre.

Palavras-chave: *Paisagem, Espaço, Democrático.*

Área Temática: Ciências Socialmente Aplicáveis

1. Introdução

A UFRGS, como entidade pública, preceitua em seu Estatuto a expressão da sociedade democrática e pluricultural, inspirada nos ideais de liberdade, de respeito pela diferença, e de solidariedade, constituindo-se em instância necessária de consciência crítica, na qual a coletividade possa repensar suas formas de vida e suas organizações sociais, econômicas e políticas+(UFRGS, Estatuto, 1994, p.3).

O Campus Central está localizado no centro da capital gaúcha, ocupando dois quarteirões. Comporta nas suas edificações, a Reitoria na qual funciona grande parte da Administração Central. Encontram-se ainda algumas Secretarias, Escola e Faculdades, com suas atividades de ensino, pesquisa e extensão, Restaurante Universitário Prédio da Rádio, Sala de Cinema, Biotério, Museu, Salão de Atos etc., bem como instituições financeiras, bares, espaços para estacionamento e espaços para exposições a céu aberto, e ainda pequenas praças com bancos e algumas árvores que servem para descanso para aqueles que trabalham, estudam ou por ali passam. Além disso, seus espaços internos e externos servem também como ponto de manifestações de estudantes e de servidores nas ocasiões de protestos de toda a ordem, devido à proximidade com a Administração Central da Universidade, bem como por outras reivindicações que ocorrem nas imediações do Parque Farroupilha, grande área verde, local de aglomerações de pessoas. Assim, a UFRGS se situa em dois quarteirões, com inúmeras atividades durante o dia e a noite, com passagem livre de pedestres em função de que seus portões permanecem abertos e também à proximidade com outra entidade de ensino, hospitais, edifícios residenciais e comerciais e com o Parque da Redenção. Ainda por ser circundada por inúmeras linhas de ônibus, lotações, táxis, fazem com que grande número de pessoas circule em seus espaços, sejam transeuntes, visitantes, estudantes e trabalhadores abrangendo um público bastante diversificado.

Em seus espaços, muros e grades encontram-se inscrições, cartazes, painéis com registros variados, como desabafos, denúncias, protestos que clamam por atenção, flagrantes de acontecimentos que transmitem mensagens dos excluídos. Em função disso, também se observam mudanças de cenário em suas paisagens e formas de expressões que se acentuam com as reformas nas edificações, nos espaços verdes, nas novas construções transformando-se ao longo de sua existência, abrangendo o Campus Central da UFRGS, associados aos seus prédios centenários e alguns tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

UNIVERSIDADE
LaSalle

www.unilasalle.edu.br

Universidade La Salle - Av. Victor Barreto, 2288, Canoas/RS, 92010-000 - 55 51 3476-8500



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

Ne sentido, a investigação desses fatores se justifica pela curiosidade em poder estudar essas inscrições e registros anônimos identificados nos espaços da UFRGS e pela minha permanência diária por um longo período de tempo no Campus Central em função do trabalho que desenvolvo no prédio da reitoria há vinte e um anos, assim como pela oportunidade em efetuar tal discussão.

Assim, como metodologia para investigação da pesquisa foi analisado a observação das paisagens, inscrições, registros, dizeres, figuras, painéis, símbolos encontrados nos espaços do Campus, muros, grades e demais locais significantes da UFRGS. Desta forma, os estudos apuraram um breve acervo dos espaços do Campus Central e de seu entorno que são democráticos correspondendo aos elementos detectados pelas fotos uma vez que se constata a permanência e a continuidade desses eventos. Segue o referencial teórico e parte das imagens selecionadas.

2. Marco Teórico

Este ensaio contou com a observação e análise de fotografias, visando extrair os significados dos elementos das imagens. Para tanto, na visão de Monteiro (2007) fotografia é uma imagem técnica, de estrutura híbrida, gerada por técnicas físico-químicas pela ação humana e pelo uso de aparelho óptico, que agrega princípios técnicos, políticos, sociais, culturais e ainda estéticos do fotógrafo e da sociedade na qual ele pertence.

A imagem gerada nas fotografias e nos ambientes que as cercam conta com inúmeras interpretações e que dependem ainda do contexto da época em que foram produzidas. Esses espaços passam a ser locais de significação, de sociabilidade, e, por vezes, de proteção, ou seja, as fotos passam a ter os fragmentos dos acontecimentos que ficaram congelados por um instante como um recorte do real naquele momento temporal do fotógrafo, no caso da autora deste ensaio, se tornando restos e ainda vestígios de um passado.

Assim, é possível considerar que o cenário muda se comparado com fotos do passado da reitoria. A paisagem urbana atual perpassa um tempo acelerado. Revelam nova cultura urbana, com novos parâmetros de sociabilidade, civilidade e de consumo. Assim, as imagens na cidade, no entorno, em construção, em movimento, afirmam o significado dinâmico do trabalho e da circulação de pessoas e de carros pelas avenidas, consoante aparecem nas fotos. É a cidade, a paisagem em movimento, que acompanham as ações das pessoas. A presença do asfalto, das árvores, das calçadas, do viaduto, que acaba orientando o caminho do olhar e que constrói um padrão de circulação urbana, associado ao movimento de automóveis e pessoas que cruzam.

Nesse sentido, as fotos evidenciam, nos elementos, a tentativa de diálogo, associadas às obras de Artes do espaço, que valorizam o ambiente urbano e natural, suas histórias, saberes e fazeres culturais. Interferem nas mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais, e em todos os setores das sociedades, que ocorrem de maneira desigual e que se alternam, se sobrepõem e convivem, tornando as paisagens urbanas ali presentes em espaços de disputas simbólicas.

Para Bonametti (2010), a paisagem pode ser explicada como um ajuste de elementos naturais e por efeitos da ação do homem, inter-relacionados e interdependentes, que, em determinado tempo, espaço e momento social compreendem um conjunto único e indissociável, em equilíbrio ou não, gerando sensações estéticas como um ecossistema. Para a autora, a paisagem é analisada sob dois aspectos: o espaço visual, que pode ser natural ou antropizado (sofrer a ação do homem), que evolui lenta ou rapidamente, respectivamente; e a percepção, configurada pelo conjunto de formas naturais e antrópicas; pelas crenças de condições de vistas, peculiaridades e fraquezas da paisagem, assim como de potenciais para seu desenvolvimento visual; e pelas respostas sensitivas e psicológicas do observador.



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

Nesse sentido, para Bloomfield (2008), a percepção das paisagens são frutos da produção/reprodução material, e também das representações sociais. Assim sendo, são como textos, a serem lidos e interpretados como um documento social. Nos lugares não existem fronteiras definidas, com as paisagens e os espaços. Os espaços são vividos e não somente percebidos, sentidos ou representados, acontecendo à afetividade.

A observação que se extrai, por meio dos elementos das fotos, que as paisagens do Campus Central e de lugares, bem como de seu entorno, sofrem influência da ação humana o que se torna natural e aceitável para alguns, em função do tempo e às exigências do mundo moderno. Para tanto, a interferência nas paisagens urbanas deve levar em consideração a evolução da sociedade e suas transformações básicas, pois as cidades são favorecidas pela permanência das paisagens, onde o atual convive com o passado; o futuro, com a antiguidade; onde os vestígios e as lembranças estão sempre presentes (PEIXOTO, 1996, p. 12 apud BONAMETTI, 2010, p. 263).

Ainda, enfatiza Bonametti (2010, p.263), que as paisagens urbanas não devem ser somente lidas, conforme nossa percepção, mas por meio daquilo que não conseguimos ver, isto é, através do nosso sentimento baseado nos objetos, na luz, na cor, nos sons e na história. Para a autora a paisagem urbana é uma mistura de arte, ciência e acaso. Na intervenção, agregam novos estilos de vida, atribuídos em consonância com o momento histórico.

Nessa dinâmica, Nobre (2007, p. 284) sugere que preservar determinadas características da paisagem representa salvaguardar o patrimônio cultural de certa comunidade para as gerações futuras. Segundo ele, a paisagem não pode ser mais associada à região, traduzindo frequentemente, em impessoal, composta ainda, por vezes de espaços sem identidade. Assim, são definidas como não-lugares, reforçam ainda mais a necessidade de se preservarem os aspectos culturais e as simbolizações sociais, lugares que configuram paisagens diferenciadas, hoje raras num mundo globalizado. Dessa forma a incorporação de variáveis como a cultura e, posteriormente, o tempo, representam um grande avanço no entendimento da paisagem na medida em que toda mudança reflete o momento vivenciado por um determinado grupo social. Para tanto, é necessário reconhecer a importância das pistas do tempo e da história, resultado das transformações entre o homem e a natureza, gravadas na paisagem.

Eckert e Rocha (2008) corroboram que a paisagem do mundo urbano moderno preserva, neste contexto, as feições e os modos de vida de seus habitantes, seus sonhos e desejos, conforme estado temporal dos movimentos diferenciais de ocupação/apropriação. Acontece com isso, a exibição e a fixação de suas motivações simbólicas.

Sendo assim, pode-se inferir também que um ambiente não é suscetível a se tornar uma paisagem, senão a partir do momento em que é percebido pelo sujeito, quando seleciona traços perceptíveis que respondem às suas necessidades -, isto é, assumem significações (o sujeito como operador de transformações). Nesse sentido, tudo ali se modifica se transforma em um bem público representando também um patrimônio cultural, natural no espaço paisagístico. Esse processo de reconhecimento contribui para a consolidação/conservação de uma identidade, sendo necessário identificar e caracterizar as paisagens no contexto global de território. Assim, se caracteriza a UFRGS, num espaço em constante transformação.

A interação entre fatores naturais e sociais emergem da intervenção no território estruturando espaço e tempo incluindo inúmeros fatores: água, solo, flora, fauna, geologia, relevo, povoamento, cultura, distintos saberes, diálogos, etc. Daí surge uma leitura cultural da paisagem, ou seja, uma manifestação da sociedade que a constrói e que consolida a imagem dessa mesma sociedade. Então, tem-se uma ideia de paisagem como construção, em permanente transformação, consequência de processos econômicos, sociais e culturais garantindo com isso uma identidade. Assim, influencia também a natureza, precisando ressaltar ainda, quando se fala em natureza, a natureza interna do homem, a natureza externa e ainda a natureza transformada formando por assim dizer uma urbanidade.



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

Os (in) visíveis

Segundo Sposati (2006), ninguém é totalmente excluído ou definitivamente incluído. Não é um estado de existência permanente, mas da identificação da potência do movimento de indignação e inconformismo. Assim, a exclusão social é a ausência de uma inclusão pela frequência da discriminação e do estigma. Desta forma, sua análise abrange o significado que tem para o indivíduo, ou para os sujeitos, que a vivenciam.

Viver como excluído, é a forma de inclusão possível em um mundo desigual. A "exclusão integrativa" opera a manutenção do *status quo*, todavia, o movimento da vida e da história não ocorre pelo conformismo. Bader Sawaya (5), na psicologia social, mostra a presença do sofrimento da exclusão. O novo elemento que tem projetado fortemente essa discussão para o campo da ética social é o suposto de que há na sociedade a busca do que é bom e desejável para todos, o que leva a se indagar da presença da luta pela igualdade ou, pelo menos, para um patamar básico de igualdade (YASBEK, 1993, apud SPOSATI, 2006, p. 1).

Nesse sentido, a autora analisa as diferenças e desequilíbrios na igualdade social e considera antes de tudo que nela também está incluída a força da linguagem dos direitos, pois o que é igualdade social no mundo que nos cerca? A reivindicação dos direitos está em uma igualdade prometida a todos, mas que se torna ausente por inúmeros motivos e circunstâncias alheias à vontade individual ou da coletividade, sendo política, social e, sobretudo econômica.

Nesse estudo foi possível verificar a exclusão em muitos lugares, denúncia nos muros da Universidade de forma permanente por meio dos desabafados, testemunhos, inscrições que clamam serem ouvidas e percebidas. Também no menino na sinaleira, que apela por auxílio e por ser visível. Da mesma forma sua contemplação à passagem de um caminhão. Que sentimentos estariam nele naquele momento? Admiração! Ser igual, talvez! São figuras do nosso cotidiano produzidas pela hipocrisia da globalização.

Em princípio, aquele que recebe uma esmola dá também alguma coisa; há uma difusão de efeitos indo dele ao doador e é precisamente o que converte a doação em uma interação, em um acontecimento sociológico. [...] Mas se [...] o receptor da esmola continua completamente excluído da cadeia teleológica do doador, se os pobres não preenchem outro papel senão o de servir de caixa coletora de esmola [...], a doação não é um fato social, mas um fato puramente individual [...] A exclusão singular à qual os pobres são submetidos pela comunidade que os assiste é característica da função que eles preenchem na sociedade, como membros dela, numa situação particular. Se, tecnicamente, eles são objetos menores, num sentido sociológico mais amplo eles são também sujeitos que, como outros, constituem uma realidade social (SIMMEL [1907], 1998, p.56-57 apud IVO, 2008, p. 175).

Nesta lógica, pode-se acreditar que a coletividade social acaba resgatando indiretamente os efeitos de sua doação social, regenerando a sociedade e suas atividades econômicas proporcionando a todos um bem-estar da coletividade. Esse pensamento pode auxiliar no entendimento das ações de assistência mínima aos mais pobres como direito moral em receber apoio, auxílio, mas que não se pode limitar à obrigação da dívida continuada em só receber. Para tanto, esse sistema depende de investimento dos governantes no plano público e também no plano privado.



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

Pode-se observar, portanto, que a natureza relativa à pobreza, se diferencia e se estende na medida em que a mesma ocorre numa sociedade mais diversificada e consolidada. Da mesma forma, há uma representação dominante no discurso desses sujeitos, considerados pobres pela coletividade, tendo como saída, salvo meu entendimento, desenvolver a condição de cidadania desses indivíduos. Da mesma forma, em todos os lugares e espaços, dar vozes e visibilidade às pessoas para que possam dialogar, expressar seus sentimentos, angústias, desejos, seja em espaços públicos ou privados, conforme fotos do anexo.

Silva (2007) sugere que em uma sociedade democrática devem-se criar condições para que as pessoas tenham o direito ao acesso aos espaços, pensando em espaço de mediação cultural capaz de estimular as pessoas a encontrarem novas formas de comunicação e de expressão, bem como de ocupação do espaço público.

Recuperar o passado individual e coletivo, por meio da memória como metodologia de análise, configura-se como um dos caminhos possíveis para a descoberta dos processos de desenraizamento social e cultural e, por conseguinte, para a redefinição dos projetos que articula passado, presente e futuro (SILVA, 2007, p. 295).

Assim, Silva (2007) salienta que a cidade não é somente vista como um conjunto de representações, lembrança inscrita no espaço, no corpo e na mente, a cidade é constituída de lembranças que gera e ativa a memória possibilitando encontrar as lembranças temporais, espaciais e relacionais. Isso passa a acontecer porque a cidade é um lugar. Desta forma, as edificações da UFRGS, com suas marcas, os grupos que ali transitam no presente e no passado, as memórias e as lembranças continuam fazendo parte daquele ambiente, daquele espaço.

Um pouco da história da UFRGS

A UFRGS tem início com a Escola de Farmácia e Química, em 1895, e logo com a Escola de Engenharia. Isso também deu a partida para o ensino superior no Rio Grande do Sul. Depois, em 1900, a Faculdade de Medicina de Porto Alegre e a Faculdade de Direito. Em 1934 foi criada a Universidade de Porto Alegre, integrando a Escola de Engenharia, com os Institutos de Astronomia, Eletrotécnica e Química Industrial; Faculdade de Medicina, com as Escolas de Odontologia e Farmácia; Faculdade de Direito, com sua Escola de Comércio; Faculdade de Agronomia e Veterinária; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e pelo Instituto de Belas Artes. O reitor, Prof. Ary de Abreu Lima, em 1939, idealizou a Cidade Universitária em uma área de aproximadamente 400 hectares entre as avenidas Bento Gonçalves e Protásio Alves, distante 5 km do centro da cidade.

Deu início a expansão da área física da Universidade com a construção de novos prédios. Sua meta era ~~N~~ninguém na escola superior deve pagar; mas não se deve deixar frequentar quem, mesmo tendo recursos, não souber ou não quiser aproveitar os sacrifícios feitos pelo Estado. Passou a ocupar posição de destaque no cenário nacional como um dos maiores orçamentos do Estado do RS e como a primeira em publicações e a segunda em produção científica, entre as federais, considerando o número de professores. Ao longo do tempo, a UFRGS se constituiu em cinco Campi: Centro, Saúde, Vale, Olímpico e Litoral Norte. No Campus Centro, a paisagem da UFRGS e do entorno, vão se transformando com as novas reformas das edificações, a vegetação, as pessoas, a proximidade com o Parque da Redenção, que, na época da primavera, o colorido das flores transforma a paisagem do local.

3. Metodologia

Utilizou-se como método, a observação e análise de fotografias a partir do ensaio fotográfico utilizando como campo os espaços e lugares do quarteirão onde se localiza a UFRGS e seu entorno, pretendendo extrair das fotos os significados dos elementos das imagens.



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

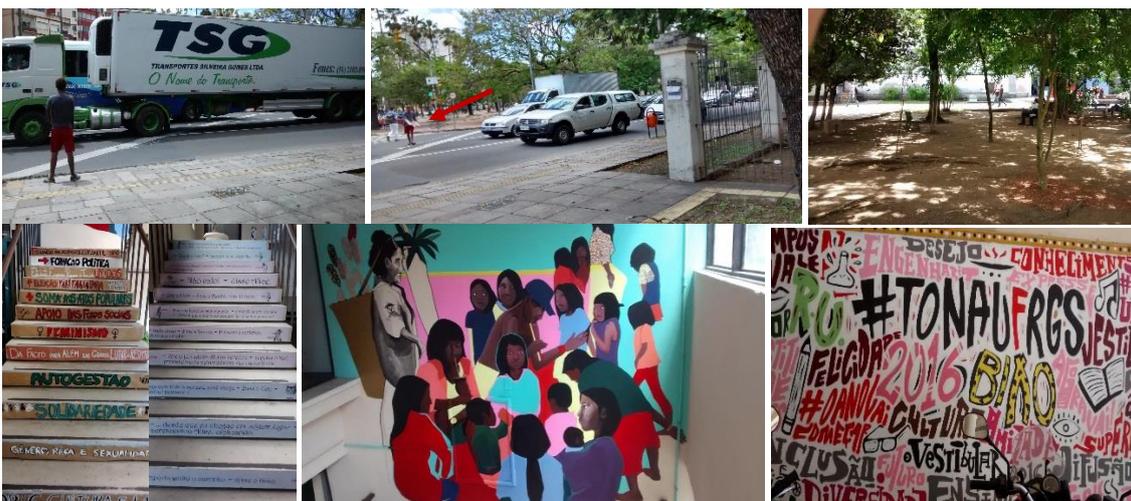
Para tanto, para Minayo (2011), há diversas tipologias possíveis de pesquisa, quando recomenda empregar aquela que melhor destaca a natureza e qualidades do estudo. Nesse sentido, na abordagem qualitativa não há um rigor formal de medidas, devendo ser usada para compreender o ambiente pesquisado e, com isso, possibilitar a descrição dos acontecimentos, procurando, assim, indícios e evidências dos fatos. Para Triviños (2010), as definições dos fenômenos são tomados por significados que o ambiente lhes confere. Para Bauer e Gaskell (2012), a fotografia é um método visual que oferece registro das ações temporais e dos acontecimentos reais, que se configura em fatos sociais. Além disso, serve de comprovação da realidade que se reveste de elemento importante na vida social, política e econômica.

4. Considerações Finais

A UFRGS, por ser uma instituição pública, pautada por seus princípios e valores, que tem por função o compromisso social, integrando na sua identidade institucional, os saberes, o diálogo, a democracia, a liberdade de expressão, e ainda a expressão de uma sociedade democrática e pluricultural, assim como a demonstração de sua missão e o bem-estar da coletividade oportuniza a manifestação da expressão local dando direito às vozes dos menos favorecidos. Assim, seus espaços, muros e entorno se constituem em participação de todos, enquanto práticas sociais, culturais, efeitos do tempo histórico-cultural das sociedades, conquistas da própria sociedade que reflete na identidade da Universidade. Nesse espaço é possível refletir e perceber a construção de um espaço democrático, isto é, o indivíduo na busca de sua igualdade social. Com isso, entrelaçam com a paisagem, o espaço, sendo modificado num crescimento contínuo, junto com a cidade. Essas características da natureza e da natureza humana não se revelam inerte, pois tudo é mutável naquele lugar de significação.

Assim, por meio das fotos foi possível perceber flagrantes de acontecimentos, retratos da sociedade (in)visível, isto é, testemunho dos ausentes entrelaçados com o lugar democrático. Dessa forma, a Universidade permite a participação do sujeito, que se traduz numa conquista nesse meio do saber científico, e que o homem passa a ter o poder de criar e de recriar sua relação com a sociedade demonstrando o poder do próprio homem de transformação, da sociedade, das cidades, dos espaços, dos lugares e das coisas.

Mosaico da vida diária no Campus Centro



Fonte: fotos da autora.

UNIVERSIDADE
LaSalle

www.unilasalle.edu.br

Universidade La Salle - Av. Victor Barreto, 2288, Canoas/RS, 92010-000 - 55 51 3476-8500



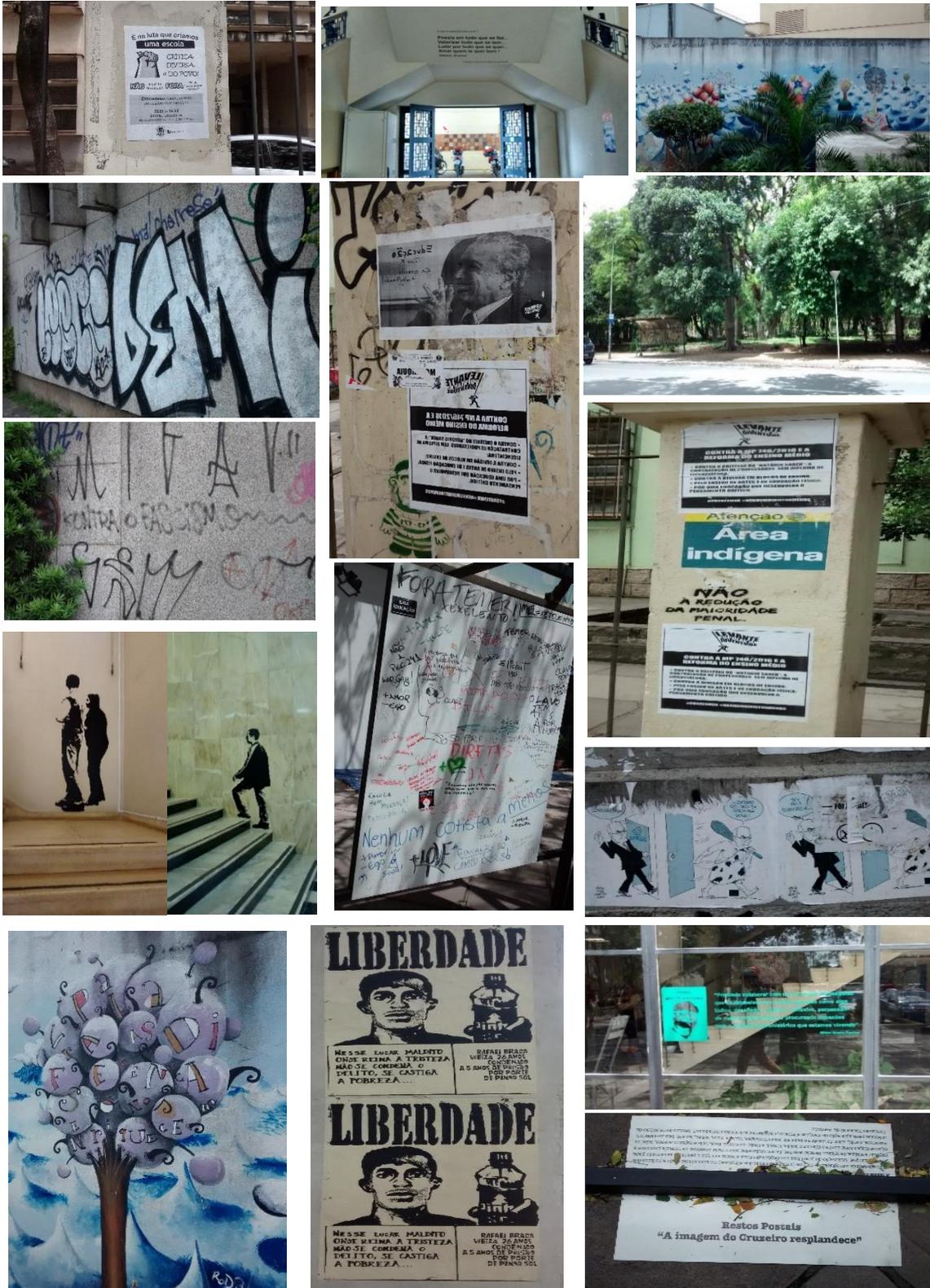
SEFIC2017 UNILASALLE

A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

A vida continua ... A paisagem se transforma ...



Fonte: Fotos da autora.



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

Referências

BAUER, Martin; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BLOOMFIELD, T.B. **Paisagens urbanas e lugares: uma abordagem de geografia cultural para a intervenção urbana polaroides (in)visíveis, de Tom Lisboa, em Curitiba**. 17º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Panorama da Pesquisa em Artes Visuais, 19 a 23/08/2008, Florianópolis, SC.

BONAMETTI, J.H. **A paisagem urbana como produto do poder**. Revista Brasileira de Gestão Urbana (*Brazilian Journal of Urban Management*), v. 2, n. 2, p. 259-273, jul./dez. 2010.

ECKERT, C.; ROCHA, A.L.C. da. A cidade como um objeto temporal. In: **O Tempo e a cidade**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2005, p. 79-94

IVO, A.B.L. **Georg Simmel e a Sociologia da Pobreza**. Caderno CRH, Salvador, v. 21, n. 52, p. 171-180, Jan./Abr. 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MONTEIRO, C. **Imagens sedutoras da modernidade urbana: reflexões sobre a construção de um novo padrão de visualidade urbana nas revistas ilustradas na década de 1950**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 27, nº 53, p. 159-176. 2007.

NOBRE, P.J.L. **Patrimônio-paisagem: função social da cidade**. Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, RJ, v. 7, n. 2, p. 282-295, ago. 2007.

SILVA, V.F. da. **Migrantes na periferia urbana: redes sociais e a construção do bairro**. [online] in: Revista do núcleo de antropologia urbana da USP. Ano 1, versão 1.0, jul, 2007. NAU. Núcleo de Antropologia Urbana. Disponível em: <[www.http://nau.org/pontuurbe](http://nau.org/pontuurbe)>. Acesso em: 05 nov. 2016.

SPOSATI, A. **A fluidez da inclusão/exclusão social**. Cienc. Cult. vol.58, nº 4, São Paulo, SBPC, Oct./Dec. 2006. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252006000400002&script=sci_arttext>. Acesso em: 01 out. 2016.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas, 2010.

UFRGS. **Histórico**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ufrgs/a-ufrgs/historico>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

_____. **Estatuto**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ufrgs/a-ufrgs/historico>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

YASBEK, M.C. **Classes subalternas e assistência social**. Cortez Ed. SP, 1993.